

# PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE LIMÃO, MAMÃO, MARACUJÁ E MELANCIA EM SÃO PAULO

Denyse Chabaribery<sup>1</sup>  
Humberto Sebastião Alves<sup>2</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO

A fruticultura no Estado de São Paulo e no Brasil vem obtendo cada vez mais atenção das instituições de pesquisa, em virtude da expectativa de que a racionalização e o aumento de competitividade na produção e distribuição, inclusive para exportação, gerem maior renda e estabilizem o emprego de parcela da população rural. É uma atividade que requer muitos cuidados com a qualidade, e a pequena agricultura familiar pode ser apontada como privilegiada para atender a essa "produção com qualidade": áreas pequenas que facilitam o monitoramento de pragas, doenças e o trabalho realizado por empregados contratados; interesse no negócio; membros da família que possam se dedicar em tempo parcial à atividade; entre outras. Apesar dessas qualificações, carece de informações de mercado e de um sistema de acompanhamento dos preços, sendo estes os principais itens apontados, por associações de produtores da região oeste de São Paulo, como gargalo para o desenvolvimento da fruticultura<sup>3</sup>.

No Estado de São Paulo, a produção de laranja destinada à indústria de suco para exportação tem dominado a cena da fruticultura paulista. Em 1995/96, das 89.164 unidades produtoras de frutas, 40,2% eram de laranja. Apesar disso, vem ocorrendo grande diversificação no plantio de frutíferas, que já ultrapassam 40 espé-

cies cultivadas no Estado<sup>4</sup>.

Para este trabalho, foram selecionadas quatro frutas cultivadas em São Paulo: Lima ácida Tahiti (ou limão Tahiti), da qual o estado é o principal produtor nacional; Maracujá amarelo azedo, o terceiro maior produtor; Melancia e Mamão Formosa. Apesar de ser uma olerícola, a melancia foi incluída por ser consumida como fruta na forma de sobremesa e suco. Em que pese a importância da produção dessas frutas como critério para escolha, é necessário lembrar que São Paulo representa um grande mercado consumidor, e que os preços praticados na Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP) são importantes para balizar a comercialização de frutas no País.

O presente estudo avalia a produção dessas frutas e descreve o comportamento sazonal das estimativas de cotações de preços nos três mercados (produtor, atacado e varejo) e das quantidades comercializadas na CEAGESP, no período de 1995 a 1999.

## 2 - SITUAÇÃO DA PRODUÇÃO DE LIMÃO, MAMÃO, MARACUJÁ E MELANCIA NO BRASIL E EM SÃO PAULO

### 2.1 - Lima Ácida Tahiti

No Brasil, ocorre em maior escala a produção da lima ácida tahiti (*Citrus latifolia* Tanaka), e, secundariamente, dos limões siciliano, galego e rosa ou cravo. Suscetíveis ao cancro cítrico, os limões do grupo com sementes foram perdendo área desde os anos sessentas. Segundo a Food and Agriculture Organization of United Nations (FAO), de 1995 a 2000, o Brasil reduziu sua produção de limão em 29%, colhendo, em

<sup>1</sup>Engenheira Agrônoma, Doutora, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>2</sup>Economista, Assistente Técnico de Pesquisa Científica e Tecnológica do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>3</sup>CHABARIBERY, D. et al. Demandas em associações de fruticultores: comercialização e tecnologia. In: SIMPÓSIO DE GESTÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA., São Paulo, 7-10 nov. 2000. **Anais...** São Paulo: USP/Núcleo de Gestão Tecnológica, 2000. 1 CD.

<sup>4</sup>PINO, F. A. et al. (Org.). **Levantamento censitário de unidades de produção agrícola do estado de São Paulo.** São Paulo: IEA/CATI/SAA, 1997. 4 v.

2000, 520 mil toneladas em 46 mil hectares. Esse volume coloca o País na 5ª posição entre os principais produtores mundiais do grupo de "limões e limas", que tem como maior produtor o México, com 12,7% do total. O Brasil vem perdendo área plantada desde 1995, o que fez cair sua participação na produção global de 8,8% para 5,1% (Tabela 1).

TABELA 1 - Principais Países Produtores de Limão e Lima Ácida, 1995 e 2000

País	1995		2000	
	1.000t	%	1.000t	%
México	972	11,6	1.297	12,7
Argentina	741	8,9	1.050	10,3
Brasil	732	8,8	520	5,1
Irã	649	7,8	1.000	9,8
Índia	960	11,5	1.000	9,8
EUA	803	9,6	698	6,8
Total mundial	8.345	100,0	10.220	100,0

Fonte: FAO.

A Região Sudeste é líder absoluta na produção de limão, representando 87,6% do total de 7.875 mil frutos produzidos em 1999. O Estado de São Paulo situa-se como maior produtor (81,3%) (Tabela 2), seguido a distância pelo Rio de Janeiro (3,9%), Bahia (2,7%) e Rio Grande do Sul (2,6%).

Em São Paulo, os municípios maiores produtores de limão tahiti localizam-se na região dos Escritórios de Desenvolvimento Rural (EDRs) de Catanduva e Jaboticabal: Itajobi, Itápolis e Taquaritinga, com 98, 50 e 50 mil toneladas, respectivamente, em 2000. Juntos, participaram com 23,2% do volume produzido no Estado, de 855,3 mil toneladas. Observe-se que, enquanto ocorreu queda na produção nacional de limão, a paulista cresceu de 681 mil toneladas, em 1996, para 855 mil toneladas, em 2000 (Tabela 3).

O IAC 5 é o principal clone tahiti nuclear plantado em São Paulo, e o porta-enxerto de limão cravo é largamente utilizado. Com a utilização desses materiais, o Estado tornou-se o principal produtor nacional de lima ácida tahiti com qualidade para exportação.

O Brasil exportou 5.336 toneladas de limão (fruta fresca) em 1999, cerca de 2,96 milhões de dólares. No entanto, em 1998, havia importado cerca de 10 mil toneladas (3,80 milhões

de dólares) de citros, entre limão, laranja, tangerina e pomelo, quando é sabido que quase todos os tipos de citros podem ser produzidos no País. As exportações de suco de limão também são pequenas, sendo que as realizadas para a União Européia caíram ano a ano, entre 1994 a 1997, de 4.725 toneladas de suco concentrado, no primeiro ano do período, para 2.382 toneladas no último, representando 3,8% do total importado pelo bloco. Para os Estados Unidos, o Brasil exportou 7.189 mil litros de suco de limão, o que representou 20,4% das importações realizadas pelo País<sup>5</sup>.

## 2.2 - Mamão

A produção de mamão no Brasil está ancorada em dois grupos de materiais genéticos importados: as cultivares Solo (Sunrise Solo e Improved Sunrise Solo cv 72/12), que produzem o mamão tipo Havaí, e as cultivares do tipo Formosa (Tainung n.1 e n.2). As Regiões Nordeste e Sudeste são as principais produtoras de mamão Havaí, ofertando respectivamente 988,8 e 552,2 milhões de frutos, em 1999 (Tabela 2). Bahia e Espírito Santo, dadas as condições de clima e solo mais favoráveis à cultura, são os produtores líderes, alcançando 889,7 e 529 milhões de frutos produzidos, respectivamente, em 1999, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Espírito Santo apresenta o surpreendente rendimento físico médio de 88.845 frutos/ha, podendo ser considerado o melhor desempenho do mundo. Segundo a FAO, o Brasil é o maior produtor mundial de mamão (3.300 mil toneladas), e também o que apresenta melhor produtividade (82,5 t/ha) (Tabela 4).

Em 1998, o Brasil exportou 9.879 toneladas de mamão. Em 1999, aumentou para 15.709 toneladas, o equivalente a 13,58 milhões de dólares, um crescimento significativo de 59% no volume exportado.

São Paulo, apesar de não ser um importante produtor de mamão, é o maior mercado interno consumidor. O maior volume produzido no Estado é do grupo Formosa, pois, comparativamente ao Havaí, se adapta melhor a suas

<sup>5</sup>JUICE Yearbook 98. **Foodnews**, supplement Oct. 1998.

TABELA 2 - Área Colhida e Quantidade Produzida de Frutas Seleccionadas, por Região, São Paulo e Brasil, 1999

Região	Limão		Mamão		Maracujá		Melancia	
	Área (ha)	Produção (mil frutos)						
Norte	1.174	120.107	3.172	90.280	4.125	222.372	10.779	26.054
Nordeste	4.940	464.833	27.836	988.825	18.296	1.141.720	26.952	73.350
Sudeste	36.706	6.903.372	7.063	552.241	9.074	966.434	10.027	35.718
São Paulo	33.380	6.403.344	253	8.516	3.934	492.962	8.837	30.848
Sul	2.716	280.791	481	5.276	1.936	150.822	23.579	60.422
Centro-Oeste	1.018	106.313	338	12.957	2.206	180.553	8.859	23.476
Brasil	46.554	7.875.416	38.890	1.649.579	35.637	2.661.901	80.196	219.020

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal.

TABELA 3 - Produção e Área em Produção de Frutas Seleccionadas, Estado de São Paulo, 1996-2000

Item	1996		1997		1998		1999		2000	
	t	ha								
Limão	680.970	20.944,7	707.261	21.791,2	796.492	24.119,3	871.862	33.915,2	855.312	25.921,9
Mamão formosa	21.388	257,3	28.075	381,1	9.492	157,3	12.997	196,1	12.020	185,7
Mamão havaí	112	4,0	138	7,5	2.569	128,0	1.926	87,6	382	23,3
Maracujá	88.720	5.750,0	60.512	4.215,0	60.474	3.907,0	59.076	3.543,0	57.279	3.419,0
Melancia	189.864	7.509,0	289.435	10.367,0	227.953	8.732,0	236.471	9.283,0	206.865	7.773,0

Fonte: Coordenadoria de Assistência Técnica Integral e Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 4 - Produção e Rendimento Médio da Cultura de Mamão, Principais Países Produtores, 2000

País	Produção		Rendimento (t/ha)
	1.000t	%	
Brasil	3.300	45,6	82,5
Nigéria	748	10,3	8,3
Índia	644	8,9	11,3
México	636	8,8	27,5
Indonésia	450	6,2	13,0
Total mundial	7.227	100,0	20,9

Fonte: FAO.

condições climáticas e edáficas. A pesquisadora Dulcinéia Foltran e equipe, da Estação Experimental do Instituto Agrônomo de Campinas de Tietê, vêm avaliando 4 cultivares nas condições da região: dois do grupo Solo, um do grupo Formosa e um originário do Centro Nacional de Recursos Genéticos (CENARGEN), de grande interesse para a indústria por produzir frutas de 50 centímetros de comprimento com pequena cavidade, o que propicia alto rendimento para a fabricação de doces e compotas. Segundo a Dra. Dulcinéia, existem dois grandes problemas nesta

busca de cultivares mais apropriadas: resistência a temperaturas mais baixas e melhoramento quanto à resistência ao vírus do mosaico do mamoeiro. Além da alta suscetibilidade a este vírus nas culturas de mamão em São Paulo, a pesquisadora alerta para o fato de que os produtores paulistas são menos conscientes que os capixabas e baianos com relação ao controle rigoroso da virose.

Os municípios de Parapuã, Osvaldo Cruz e Lucélia, na região do EDR de Tupã, produziram, respectivamente, 2.520, 1.680 e 1.120 toneladas de mamão formosa em 2000, o que representou 44% da produção de 12.020 toneladas de São Paulo (Tabela 3). O cultivo de mamão também vem se expandindo em Ouroeste (região de Fernandópolis), que já tem plantados cerca de 20 mil hectares.

### 2.3 - Maracujá

Há cerca de 530 espécies tropicais de maracujá (gênero *Passiflora*), mais de 150 nativas do Brasil, das quais cerca de 60 produzem

frutos que podem ser aproveitados. Como a cultura é dispersa e semi-perene, existe grande dificuldade em se precisar dados estatísticos que dimensionem a produção global de frutos e produtos processados<sup>6</sup>.

Estima-se que o Brasil é o maior produtor de maracujá amarelo, possivelmente concorrendo com Peru e Austrália. Em 1999, produziu 2.662 milhões de frutos, sendo 43% na região Nordeste (Tabela 2). Bahia e São Paulo são líderes da produção nacional, com 21% e 18,5%, respectivamente.

Em São Paulo, a exploração comercial de maracujá expandiu-se a partir de 1987, alcançando, em 1996, 5.750 ha plantados. Nos últimos anos vem ocorrendo declínio do cultivo; em 2000, atingiu 3.419 hectares, o que significou queda de cerca de 32% na área plantada (Tabela 3).

O maracujá amarelo está disseminado nas regiões oeste e sudoeste do Estado, mas desponta na região do Vale do Ribeira, onde os municípios de Registro, Pariquera-Açu e Iguape são importantes produtores, respondendo por 38% da produção paulista.

Um dos problemas com as lavouras de maracujá a oeste de São Paulo, surgidos na década de 80 mas ainda prejudiciais, é a infestação por nematóides em solos anteriormente cultivados com cafezais, os quais causam a morte prematura da planta. Os maracujazeiros são, em grande escala, plantados a partir de sementes de frutos sem características definidas nem garantia de origem. No entanto, os esforços de pesquisadores do IAC vêm apresentando resultados importantes na busca de melhores materiais genéticos para o cultivo dessa planta, principalmente no desenvolvimento de híbridos da série IAC 270, indicados para o mercado de frutas frescas.

## 2.4 - Melancia

Segundo a FAO, a produção mundial de melancia, em 2000, foi de 63.131 mil toneladas, das quais somente a China contribuiu com 38.382 mil toneladas (60,8%) e o Brasil, com 600 mil toneladas, em 79 mil ha. As regiões Nordeste e Sul são as principais produtoras e, em 1999,

responderam por 33,5% e 27,6% do total nacional (Tabela 2). Naquele mesmo ano, o Estado do Rio Grande do Sul foi líder, produzindo 43.279 mil frutos, seguido pela Bahia, com 36.280 mil frutos, e por São Paulo, com 30.848 mil frutos.

Em 2000, São Paulo produziu 206.865 toneladas (Tabela 3). Sobressairam-se os municípios de Marília e Oscar Bressane, no EDR de Marília, e Santa Cruz do Rio Pardo, no EDR de Ourinhos. Juntos, produziram 42 mil toneladas de melancia, cerca de 20,3% da produção do estado.

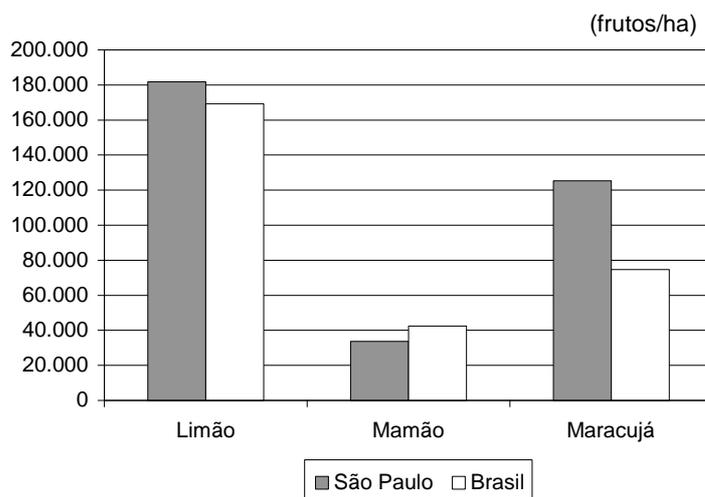
A importância da produção nacional de melancia vem se refletindo nas exportações. Em 1998, o Brasil vendeu ao exterior 8.808t, equivalentes a 1.031 mil dólares. Em 1999, saltou para 13.146 toneladas (1.798 mil dólares), um aumento de 49,3% no volume exportado. Esse resultado vem animando os agricultores e técnicos da região de Marília, que já se mobilizam para investir no cultivo de melancia de polpa amarela, visando ao mercado externo.

Nas 4 frutas selecionadas, o principal gargalo para o cultivo se refere à pouca disponibilidade de material sadio para sua propagação, bem como à fragilidade apresentada, principalmente pelo mamão e maracujá, para determinados tipos de doenças e pragas. Porém, com desenvolvimento de pesquisas neste sentido pelo IAC, com novas cultivares lançadas e a ser brevemente lançadas, a produção de frutas em São Paulo deverá ganhar novo impulso. A defesa fitossanitária também apresenta-se com demandas na área de controle de resíduos de produtos químicos altamente tóxicos. Um importante fator para esse controle é a implementação da Produção Integrada de Frutas (PIF), originada dos Manejos Integrados de Pragas (MIPs), que vêm se expandindo nos pomares de diversas regiões do País e do mundo.

A despeito dessas dificuldades apresentadas pela fruticultura paulista, os rendimentos físicos médios por unidade de área são os melhores quando comparados à média nacional, exceto para o mamão. Ressalte-se que nesses valores podem estar sendo consideradas mais de uma variedade de cada espécie de fruta, como os mamões formosa, havaí e comum, maracujá azedo e doce, bem como as limas ácidas e limões verdadeiros (Figura 1). Para a melancia, o rendimento médio de São Paulo é de 3.491 frutos/ha, enquanto o do Brasil é de 2.731 frutos/ha.

No cálculo do Valor da Produção Agro-

<sup>6</sup>SATO, G. S.; CHABARIBERY, D.; BESSA JÚNIOR, A. de A. Panorama da produção e de mercado do maracujá. *Informações Econômicas*, São Paulo, v. 22, n. 6, p. 17-31, jun. 1992.



**Figura 1** - Rendimento Médio das Culturas de Limão, Mamão e Maracujá, São Paulo e Brasil, 1999.

Fonte: Elaborada a partir da tabela 2.

pecuária Brasileira, 37 produtos são considerados principais, incluindo 13 espécies frutíferas, dentre as quais o mamão, o maracujá, a melancia e o limão, os quais, juntos, contribuem com 1,5% do valor total<sup>7</sup>. O Estado de São Paulo foi líder, em 1998, no valor da produção de melancia e de limão, contribuindo com 19,9% e 69,8% do total brasileiro, respectivamente (Tabela 5).

### 3 - ANÁLISE DA VARIAÇÃO ESTACIONAL

As cotações de preços utilizadas neste estudo tiveram como fontes os levantamentos realizados pelo Instituto de Economia Agrícola, para preços no varejo, pela CEAGESP, para preços no atacado, e SANTIAGO e ROCHA, para preços recebidos pelos produtores<sup>8</sup>.

Para determinação do padrão de variação estacional das quantidades e dos preços das frutas analisadas, utilizou-se o método da média geométrica móvel centralizada (MMGC), o qual, aplicado ao intervalo de doze meses, reflete o período de safra e entressafra e define a variação estacional anual como a média dos índices

de cada mês do período considerado<sup>9</sup>.

As estacionalidades de quantidade comercializada e de preços recebidos serão aqui analisadas para as quatro frutas selecionadas.

#### 3.1 - Limão Tahiti

O limão tahiti representou, no período 1995-99, em média, 99,3% do volume total de limão comercializado na CEAGESP. Sua comercialização distribui-se durante todo o ano, sendo que nos meses mais frios, de maio a setembro, ocorre pequena queda na quantidade comercializada (Tabela 6).

Já os preços comportam-se de modo fortemente sazonal, com elevações entre os meses de agosto e novembro. O maior índice sazonal do preço recebido pelo produtor (285,74) ocorre em setembro, e o menor (42,38), em março, quando ocorrem o "pico" e a baixa dos preços (Figura 2).

#### 3.2 - Mamão Formosa

O mamão formosa representou de 30% a 36% do volume total de mamão comercializado na CEAGESP, entre 1995 e 1999, e a quantidade comercializada cresceu 42% no período. Essa tendência mostra que o consumidor paulista está aceitando bem essa variedade e o mamão havaí

<sup>7</sup>TSUNECHIRO, A. Análise da composição do valor da produção da agropecuária e da silvicultura nos principais estados brasileiros. *Informações Econômicas*, São Paulo, v. 30, n. 12, p. 42-50, dez. 2000.

<sup>8</sup>SANTIAGO, M. M. D.; ROCHA, M. B. O mercado de frutas e as estimativas dos preços recebidos pelos fruticultores no estado de São Paulo, 1990-2000. *Informações Econômicas*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 7-21, fev. 2001.

<sup>9</sup>HOFFMANN, R. *Estatística para economistas*. 2. ed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1991. 426 p.

TABELA 5 - Valor da Produção de Frutas Seleccionadas e Participação no Valor da Produção Agropecuária dos 37 Principais Produtos, São Paulo e Brasil, 1998

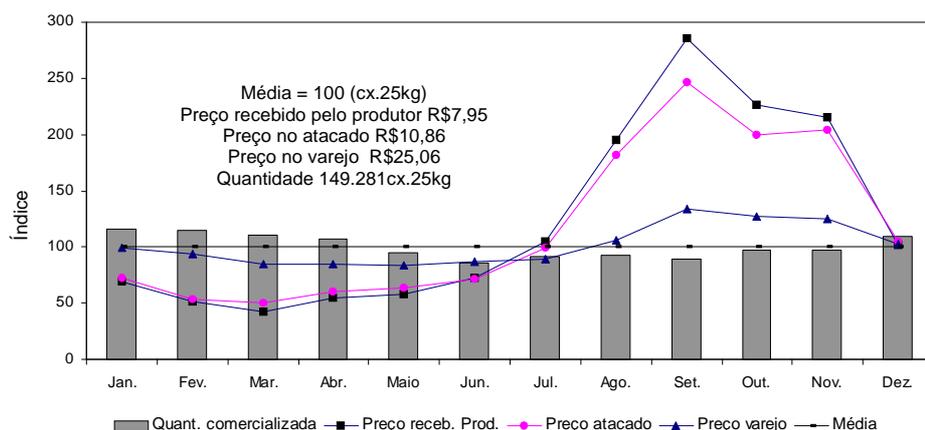
Colocação	Fruta	São Paulo		Brasil	
		R\$1.000	% de SP no Brasil	R\$1.000	% no valor total
29º	Mamão	2.740	1,2	224.330	0,5
30º	Maracujá	29.543	17,4	170.122	0,4
31º	Melancia	32.108	19,9 (1º)	161.576	0,3
32º	Limão	111.728	69,8(1º)	160.131	0,3

Fonte: TSUNECHIRO, A. Análise da composição do valor da produção da agropecuária e da silvicultura nos principais estados brasileiros. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 30, n. 12, p. 46, dez. 2000.

TABELA 6 - Quantidade de Limão Taiti Comercializado na CEAGESP, 1995-1999.  
(cx.25kg)

Mês	1995	1996	1997	1998	1999	Média
Jan.	163.986	177.777	179.982	176.851	169.835	173.686
Fev.	121.239	179.922	185.177	158.694	172.599	163.526
Mar.	165.807	156.762	157.286	172.745	174.485	165.417
Abr.	130.746	166.941	150.293	168.991	154.834	154.361
Mai	145.117	151.531	140.012	146.205	131.977	142.968
Jun.	137.836	120.658	129.267	141.896	121.381	130.208
Jul.	152.470	128.614	142.550	130.542	118.362	134.508
Ago.	157.200	133.487	147.092	128.816	107.244	134.768
Set.	123.975	133.539	154.433	136.239	120.041	133.645
Out.	132.601	149.089	173.500	144.033	122.568	144.358
Nov.	154.617	147.049	146.102	145.047	135.667	145.696
Dez.	163.572	168.208	155.292	180.723	173.355	168.230
<b>Total</b>	<b>1.749.166</b>	<b>1.813.577</b>	<b>1.860.986</b>	<b>1.830.782</b>	<b>1.702.348</b>	<b>1.791.372</b>
<b>Média</b>	<b>145.764</b>	<b>151.131</b>	<b>155.082</b>	<b>152.565</b>	<b>141.862</b>	<b>149.281</b>

Fonte: CEAGESP.



**Figura 2** - Variação Estacional Anual dos Preços e da Quantidade de Limão Taiti, no Mercado de São Paulo, 1995-99.

Fonte: Elaborada pelo autores, com dados originais da CEAGESP e Instituto de Economia Agrícola.

vem deixando de ser predominante.

Os meses de maior volume comerciali-

zado de mamão formosa em São Paulo são março, abril, maio, setembro e outubro (Tabela 7), sendo que o maior índice sazonal do preço recebido pelo produtor (163,75) ocorreu em julho, enquanto o menor (57,04) ocorreu em outubro (Figura 3).

### 3.3 - Maracujá Azedo

Os meses de maior quantidade comercializada de maracujá na CEAGESP vão de novembro a maio, com maiores volumes em dezembro-janeiro e menor em setembro (Tabela 8).

Os preços mais altos são alcançados no segundo semestre, época mais fria e de dias mais curtos, quando interrompe-se a produção de maracujá. O pico do índice sazonal de preço re-

cebido pelo produtor (199,19) ocorre em outubro, e a maior baixa (57,92), em junho (Figura 4).

### 3.4 - Melancia

Os meses de outubro, novembro e dezembro são os de maior volume de melancia comercializada na CEAGESP, se bem que, de janeiro a março, também ocorre uma comercialização próxima da média (Tabela 9). Os meses de baixa comercialização vão de abril a setembro. Já os de melhores preços recebidos coincidem com o primeiro semestre, com pico em fevereiro (119,19) e baixa em novembro (76,62) (Figura 5).

TABELA 7 - Quantidade de Mamão Formosa Comercializado na CEAGESP, 1995-1999  
(enr.21kg)

Mês	1995	1996	1997	1998	1999	Média
Jan.	151.874	166.995	111.042	109.502	187.963	145.475
Fev.	135.193	162.100	116.129	128.292	167.048	141.752
Mar.	145.538	192.251	136.003	180.841	184.022	167.731
Abr.	116.094	161.349	122.841	178.402	214.533	158.644
Maio	175.222	168.299	151.030	180.114	217.468	178.427
Jun.	150.782	127.102	108.944	174.846	189.749	150.285
Jul.	105.279	92.433	123.345	190.970	176.729	137.751
Ago.	113.632	138.849	144.864	184.466	189.293	154.221
Set.	185.826	130.487	154.472	190.010	238.150	179.789
Out.	189.887	191.577	145.483	205.230	285.199	203.475
Nov.	163.217	144.889	93.766	191.487	219.360	162.544
Dez.	116.950	154.817	115.452	175.944	218.528	156.338
Total	1.749.494	1.831.148	1.523.371	2.090.104	2.488.042	1.936.432
Média	145.791	152.596	126.948	174.175	207.337	161.369

Fonte: CEAGESP.

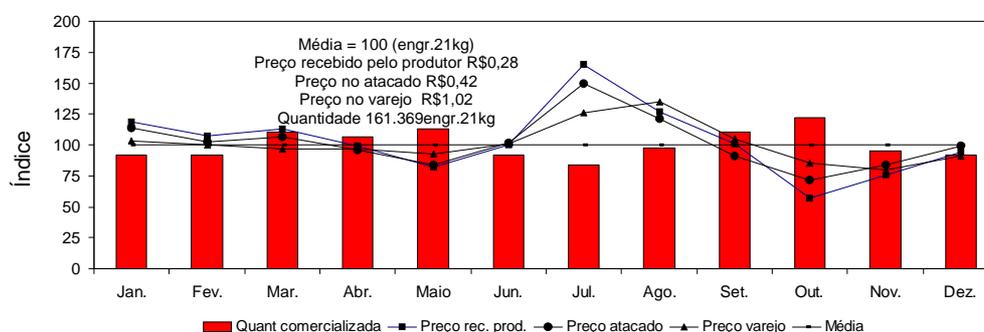


Figura 3 - Variação Estacional Anual dos Preços e da Quantidade de Mamão Formosa no Mercado de São Paulo, 1995-99

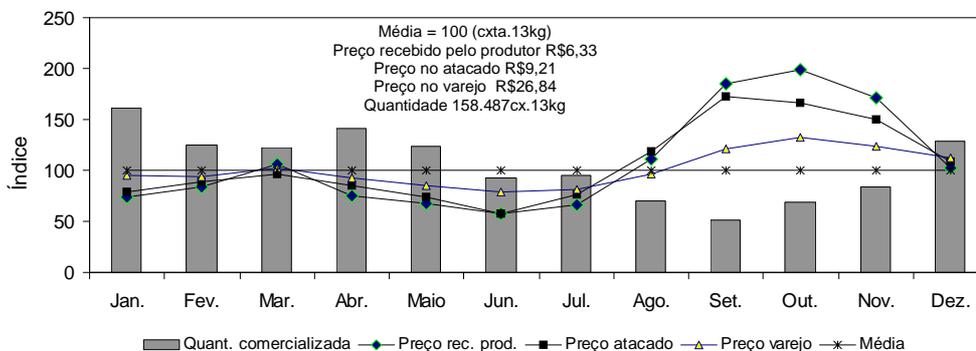
Fonte: Elaborada pelo autores, com dados originais da CEAGESP e Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 8 - Quantidade de Maracujá Azedo Comercializado na CEAGESP, 1995-1999

(cx.13kg)

Mês	1995	1996	1997	1998	1999	Média
Jan.	222.625	307.119	346.256	122.849	193.431	238.456
Fev.	162.320	235.693	210.564	128.604	141.353	175.707
Mar.	189.633	305.203	137.669	88.186	230.559	190.250
Abr.	183.835	251.341	237.193	147.152	190.492	202.003
Mai	217.911	275.661	162.814	131.434	174.996	192.563
Jun.	180.488	178.071	147.764	105.162	116.713	145.640
Jul.	193.175	153.465	124.260	86.151	124.353	136.281
Ago.	102.506	119.438	65.520	114.048	109.330	102.168
Set.	46.892	62.539	94.954	97.413	154.482	91.256
Out.	52.762	87.033	126.256	154.352	141.530	112.387
Nov.	117.481	117.131	90.060	160.431	162.349	129.490
Dez.	223.747	213.785	130.727	169.754	190.191	185.641
<b>Total</b>	<b>1.893.375</b>	<b>2.306.479</b>	<b>1.874.037</b>	<b>1.505.536</b>	<b>1.929.779</b>	<b>1.901.841</b>
<b>Média</b>	<b>157.948</b>	<b>192.373</b>	<b>156.336</b>	<b>125.628</b>	<b>160.982</b>	<b>158.487</b>

Fonte: CEAGESP.

**Figura 4** - Variação Estacional Anual dos Preços e da Quantidade de Maracujá Azedo, no Mercado de São Paulo, 1995-99

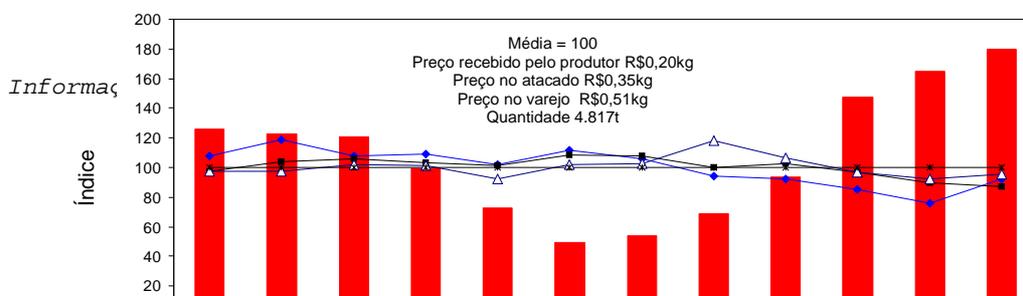
Fonte: Elaborada pelo autores, com dados originais da CEAGESP e Instituto de Economia Agrícola .

**TABELA 9** - Quantidade de Melancia Comercializada na CEAGESP, 1995-1999

(kg)

Mês	1995	1996	1997	1998	1999	Média
Jan.	7.752.849	4.986.367	4.892.965	5.277.820	6.594.240	5.900.848
Fev.	2.005.921	4.770.825	4.388.125	5.389.729	6.884.135	4.687.747
Mar.	3.417.440	3.764.124	4.924.420	5.608.730	7.093.695	4.961.682
Abr.	5.696.669	3.669.310	3.673.756	4.552.060	5.373.660	4.593.091
Mai	4.767.311	2.719.815	3.265.868	2.709.120	3.984.035	3.489.230
Jun.	2.267.367	1.945.895	1.167.274	3.220.280	2.817.000	2.283.563
Jul.	2.259.515	1.640.740	1.764.780	3.555.625	3.615.100	2.567.152
Ago.	3.533.661	2.310.125	2.211.510	3.664.470	4.365.960	3.217.145
Set.	5.590.250	2.745.908	4.244.525	3.731.041	4.921.729	4.246.691
Out.	8.420.835	4.944.176	8.126.665	4.558.725	6.276.266	6.465.333
Nov.	6.198.008	7.442.024	7.693.192	6.784.850	8.167.716	7.257.158
Dez.	6.805.330	8.920.853	5.347.378	10.502.950	9.101.515	8.135.605
<b>Total</b>	<b>58.715.156</b>	<b>49.860.162</b>	<b>51.700.458</b>	<b>59.555.400</b>	<b>69.195.051</b>	<b>57.805.245</b>
<b>Média</b>	<b>4.892.930</b>	<b>4.155.014</b>	<b>4.308.372</b>	<b>4.962.950</b>	<b>5.766.254</b>	<b>4.817.104</b>

Fonte: CEAGESP.



**Figura 5** - Variação Estacional Anual dos Preços e da Quantidade de Melancia, no Mercado de São Paulo, 1995-99  
Fonte: Elaborada pelo autores, com dados originais da CEAGESP e Instituto de Economia Agrícola.